

António Simões Lopes, Sempre Atual e Sempre Atuante

Antonio Simões Lopes, Always Up-to-date and Always Active

Tomaz Ponce Dentinho

tomazdentinho@uac.pt

University of the Açores, Angra do Heroísmo, Portugal

Nesta lembrança do Professor António Simões Lopes proponho-me analisar um exercício que ajudei a implementar sobre o futuro da Ciência Regional (Kourtit, Royuela, Dentinho e Nijkamp, 2016), tendo como referência à memória que guardo dos pensamentos de António Simões Lopes.

O exercício feito no âmbito da criação da Academia de Ciências Regional promovida por Peter Nijkamp e consistiu em (i) selecionar um conjunto de pensamentos sobre a ciência regional enunciados por conhecidos cientistas regionais de todo o mundo; (ii) solicitar que classificassem esses pensamentos tendo em atenção o nível de concordância com os mesmos; e (iii) proceder a uma análise das componentes principais que identificassem os pensamentos estruturais implícitos às diferentes classificações. Qual seria o posicionamento do Prof. António Simões Lopes nestas diferentes e, no entanto, complementares linhas de orientação da ciência regional?

A componente mais marcante da ciência regional, de acordo com o grupo de quase cinquenta cientistas regionais de todo o mundo, é a que trata do estudo da interação humana no espaço e com o espaço. Linha que se fundamenta em metodologias e políticas orientadas para o desenvolvimento regional. Não creio que o pensamento do Professor António Simões Lopes tenha estado muito longe desta linha estruturante da Ciência Regional como é patente no seu livro de Desenvolvimento Regional (Simões Lopes, 1987). Sabedoria também de Water Isard que, perante a dificuldade de congregar paradigmas tão consistentes como a economia e a sociologia, tão abrangentes como a geografia ou o ambiente, tão práticos como os transportes e o urbanismo e tão desafiantes como a ciência política, propôs a universalidade dos métodos e a unidade em

torno do desenvolvimento das pessoas e dos sítios. Como é que poderia dar nome a esta componente sem a memória da importância dada aos métodos publicados pelo Professor António Simões Lopes no seu livro (Simões Lopes, 1979) e escutadas nas suas lições e palestras? É um posicionamento comum a todos, mas mais protagonizado pela primeira geração e pelos discípulos aplicados que leram com atenção e memória os primeiros compêndios.

A segunda componente associa-se paradoxalmente à negação de reconhecer a ciência regional como uma disciplina; no entanto reforça a ideia de que é necessária uma teoria geral sobre a interação entre os homens no espaço e com o espaço e recusando a ideia de que haja métodos ou disciplinas mais importantes do que outras. É um posicionamento da segunda geração, daquela que entrou pelos métodos a fundo designadamente os sistemas de informação geográfica e a econometria espacial e que, na floresta de dados e na híper floresta de resultados, procura uma teoria geral sobre a interação humana no espaço e com o espaço. Não creio que o Professor António Simões Lopes se revisse neste posicionamento, mas também não creio que forçasse uma explicação supostamente consistente proveniente de paradigmas ideologizados próximos da economia, da geografia ou da sociologia. Muito provavelmente sorria com saudade dos tempos em que também esteve perdido na busca do saber; e também se sentiria de alguma forma feliz por ver como alguns dos seus alunos se aventuravam na selva desse real virtual de dados e métodos seminalmente sonhados na sua geração.

A terceira componente é protagonizada pelos mais novos, e continua na senda dos métodos. Querem formação avançada para

ganharem competências sobre o território; um território diverso onde um bom conjunto de instrumentos serve pretensamente para analisar com competência relativa todo o tipo de fenómenos que acontecem no espaço. São netos de Walter Isard e de António Simões Lopes. Não creio que nenhum desses nossos maiores comprehendesse estes zombies que confundem métodos com ciência e realidade com dados. Mas eles aí estão. A grande vantagem que têm é que são muitos produtivos na estimação de equações, desenho de mapas e, em alguns fóruns, publicação de *papers*. E a liberalização da ciência como a liberalização de muitas outras coisas sempre fez mais bem que mal na certeza absoluta de que estes jovens não são zombies como arrisquei; são pessoas fantásticas e que se fartam de trabalhar, de criar e de questionar. Apesar de tudo penso que os mais velhos continuariam a depositar grandes esperanças nestes netos.

As restantes componentes são de alguma forma semelhantes, mas interessam-se por

problemas diferentes, muito provavelmente porque vivem em países muito diversos; são marcadamente economistas. Os da periferia europeia querem uma melhorar a intervenção do Estado que consideram deficiente. Os mais centrais ocupam-se dos modelos teóricos de economia regional e urbana que integrem temas de crescimento e desenvolvimento. Finalmente há os que se interessam por temas emergentes como as migrações, os conflitos, as inovações tecnológicas e as disparidades regionais. Penso que, nesta trilogia de perspetivas, o Professor António Simões Lopes se identificaria mais na que se preocupa com os modelos teóricos de economia regional e urbana, aliás é essa o testemunho que nos deu recentemente com a publicação, em coautoria com o José Pedro Pontes, do excelente livro de *Introdução à Economia Urbana* (Simões Lopes e Pontes, 2011). Não há dúvida que os mestres são sempre atuais e atuantes.

BIBLIOGRAFIA

Kourtit K, Royuela V, Dentinho T and Peter Nijkamp P (2016) - *Envisioning Experiments on Regional Science Frontiers*. *Regional Science Frontiers*, Springer.

Simões Lopes A (1987) - *Desenvolvimento regional*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Simões Lopes A e Pontes JP (2011) – *Introdução à Economia Urbana*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa